

“OU NÃO PENSO OU NÃO SOU” : uma discussão sobre o sujeito

*Nilda Martins Sirelli**

RESUMO:

Lacan retoma o cogito de Descartes, “penso logo sou”, apontando o corte produzido por ele na história da filosofia. Esse corte foi essencial para o surgimento da psicanálise, porém, Freud vai além dele ao colocar sua certeza no inconsciente, pensamento marcado pela dúvida, pelo tropeço, e do qual a psicanálise vem colher os efeitos. O sujeito aparece como um efeito desse corte, e, para abordar o sujeito, Lacan nos apresenta as operações de alienação e separação, retomadas pela subversão do cogito que se transforma em uma disjunção, que se funda em uma dupla negação: “ou não penso ou não sou”. Onde se entrelaçam inconsciente, como pensar sem sujeito, e o Isso, como ser sem sujeito. Negação que recai sobre o sujeito, excluído do pensar e do ser, advém como conjunto vazio, oco de quaisquer atributos.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Alienação. Separação. Inconsciente. Isso.

***Nilda Martins Sirelli.** Psicanalista, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Introdução

Lacan retoma Descartes, apontando o corte produzido na história da filosofia pelo cogito cartesiano “penso logo sou”. Ressalta que o Ser da tradição filosófica, suposta entidade marcada pelo que é pleno, portando uma essência, uma existência em si, se perde a partir de Descartes. Ao afirmar “penso logo sou” ele subordina o ser ao pensamento, de modo que evidencia que o Ser não tem uma existência em si, algo que o defina e o constitua. Ele é esvaziado de substância, é contingencial, fruto ilusório de um sujeito que pensa. Por essa via, Descartes está em íntima relação com a psicanálise, já que é ele quem introduz o sujeito no mundo, porém, é Freud que colhe seus efeitos.

Lacan, no seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998) elucida que o cogito inicial de Descartes visa o “eu penso” no que ele conduz ao “eu sou”¹, e o verdadeiro fica de fora, em um Outro não enganador, representado pela figura de Deus. Deus é esse que pode garantir por sua existência as bases da verdade, de modo que ela é recolocada em algum lugar, ainda que não no Ser. Aqui, Freud instaura algo de novo; ele coloca sua certeza no pensamento, mas no pensamento inconsciente, na constelação dos significantes recalçados. Pensamento marcado pelo tropeço, por uma verdade que é sempre não-toda, sempre fraturada, sendo, contudo, a única possível.

Descartes parte da dúvida, mas, o que Freud vem indicar é que a dúvida faz parte do texto inconsciente, único texto que porta uma verdade, não havendo nenhuma garantia de verdade em Outro lugar. Onde há dúvida, o pensamento inconsciente está lá, pensa antes de entrar na certeza. É o “eu penso” inconsciente que revela o sujeito. Portanto, em Freud, o pensamento só começa com a certeza do inconsciente. É interessante retomar a discussão de Lacan no seminário 14, *La logica del fantasma* (1966-1967/2000), aferindo que, antes de Freud, o inconsciente existia; porém, ele pergunta: “quem sabia disso?” O inconsciente é um terreno totalmente tributário do desejo de Freud.

Ainda nesse Seminário, nos diz que seria ingenuidade acreditar que há um Ser pensado. Ou seja, o pensar não garante uma existência, o que nos remete à falta de garantias que se situa tanto do lado do Ser como do pensar. A psicanálise demarca que essa queda do

¹Não se trata do eu, *moi*, mas, sim, do sujeito, *je*. Lacan utiliza essas expressões no francês para se referir, respectivamente, ao “eu” e ao “sujeito”, porém, como não contamos com esse recurso linguístico, preferimos utilizar o eu (tal como na tradução em espanhol), fazendo essa ressalva, para que o leitor saiba que se trata, no caso, do sujeito.

Ser e do pensar vincula-se à função do Outro como marcado pela castração, indicado por $S(\mathbb{A})$ – significante da falta no Outro. Dimensão que Lacan afere como essencial, situando-a como nervo do cogito. O Outro, como lugar da palavra, não porta uma verdade em si. Ele evoca a construção de uma verdade fraturada, de modo que sujeito e Outro estão “sob o golpe da mesma finitude” (lição de 15 de fevereiro de 1967).

À categoria do Outro, Lacan introduz a função da marca. Ele é marcado pela castração, fragmentado, barrado por ela. Tal como o cogito, há aí um lugar de ruptura, ruptura com o próprio cogito de Descartes, ao presentificar a verdade que falta em todos os campos. A psicanálise possibilita, assim, o advento do desejo, de forma que o $S(\mathbb{A})$ é um dos pontos nodais ao redor do qual se articula toda a dialética do desejo.

Lacan utiliza-se do cogito de Descartes, e de sua subversão, para abordar a constituição do sujeito por meio das operações de alienação e separação. Ele produz um corte com o modo como essas operações vinham sendo trabalhadas no Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998), o que nos faz retomar as elaborações em torno dessas operações.

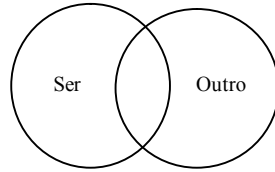
Alienação e separação: sentido e satisfação

Em 1964, Lacan nos traz as operações de alienação e separação como operadores lógicos de constituição do sujeito, demarcando uma importante articulação entre significante e objeto *a*.

Na alienação, estão em jogo dois campos: o do Outro e o do Ser. O primeiro diz respeito ao universo da linguagem, encarnado pelo Outro, que é “o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (LACAN 1964/1998, p. 194). O segundo campo, mítico, designa o “ser vivente”, o “organismo vivo”, que, embora habite em um mundo marcado pelo simbólico, ainda não fez sua entrada no discurso, de modo que é marcado pelo registro da necessidade, do instinto.

No campo do Ser não há ainda um sujeito, mas um “ser vivente”, que está fora da significação e da referência fálica, só se podendo dizer dele, portanto, reportando a um momento mítico, suposto. Para referenciar esse primeiro momento lógico, apresentamos o seguinte esquema²:

² Lacan oferece um esquema no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998, p. 200); porém, decidimos não utilizá-lo aqui, já que ele apresenta alguns elementos que ainda não foram trabalhados por



Lacan parte da teoria dos conjuntos e dos círculos de Euler para explicar as operações de alienação e separação. Ele destaca a definição lógica das operações de reunião e interseção.

A reunião, que caracteriza a alienação, é uma operação em que se dá a reunião dos elementos comuns a dois ou mais conjuntos. No entanto, os elementos que se repetem nos dois conjuntos só aparecem uma vez no novo conjunto. Assim, não é possível saber se pertenciam a um ou a outro conjunto, de forma que ambos perdem elementos e, se tentarmos voltar ao que era antes, os dois conjuntos ficam automaticamente perdidos.

No citado seminário, Lacan define a união como um *vel*, palavra latina que significa *ou*. Esse *vel* pode ter três diferentes usos: no sentido de exclusão, em que um dos termos é colocado de fora – “eu vou *ou* para lá *ou* para cá” (p. 199), se eu for para lá, não vou para cá, tenho que escolher; no sentido de uma indiferença – “vou para um lado *ou* para o outro, tanto faz, dá na mesma” (p. 199); e no sentido de uma “escolha forçada”, que qualifica a alienação. Nele, aparentemente, a escolha é por guardar umas das partes, estando a outra fadada ao desaparecimento. No entanto, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência um “*nem um, nem outro*” (p. 200, grifos do autor), de modo que se tem muito pouca escolha, porque os dois termos estão sempre excluídos.

O terceiro *vel*, o da alienação, é exemplificado por “a bolsa ou a vida!”. Ao escolher a bolsa, perde-se as duas; ao escolher a vida, tem-se uma vida sem a bolsa, uma vida decepada. Lacan salienta que encontrou em Hegel a justificativa desse *vel* alienante: “trata-se de engendrar a primeira alienação, aquela pela qual o homem entra na via da escravidão. *A liberdade ou a vida!* Se ele escolhe a liberdade, pronto, ele perde as duas imediatamente – se ele escolhe a vida, tem a vida amputada de liberdade” (p. 201: grifos do autor). O que há de particular nesse *vel* é o fator letal: há necessariamente uma perda irremediável implicada

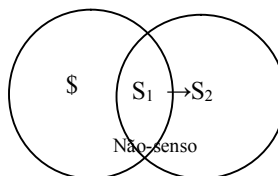
nós. Desse modo, tomaremos diferentes esquemas ao longo do texto que possam ir indicando os novos elementos inseridos.

nessa operação. A escolha tem que ser feita, uma “escolha forçada”, em que “o que resta, de qualquer modo, fica desfalcado” (LACAN, 1964[1960]/1998, p. 855).

A alienação consiste nesse *vel* que condena o sujeito a só aparecer na divisão: “se o sujeito aparece de um lado como sentido produzido pelo significante, de outro ele aparece como afânise” (LACAN, 1964/1998, p. 199), em desaparecimento. Se escolher o Ser, o sujeito desaparece, cai no não-senso; se escolher o sentido perde o Ser. Desse modo, essas formas se reproduzem a partir da questão: “o ser ou o sentido?” (p. 233). É essa a escolha que está em jogo na alienação. O sujeito pode escolher o Ser, negando-se à entrada no discurso, o que se igualaria a escolher a bolsa, perdendo, por conseguinte, a vida; ou pode escolher o sentido, ou seja, acolher uma nomeação, alienando-se aos significantes proferidos pelo Outro na tentativa de dar um sentido ao que é da ordem do não-senso.

Há, portanto, uma escolha a ser feita na alienação: petrificar-se em um significante mestre (S_1) ou deslizar no sentido. No segundo caso, S_1 sofre um efeito de *afânise* quando em cadeia com S_2 , inscrevendo-se em uma série de significantes, que, embora mantenham relação com $S_1 - e$, de certo modo, atribuem-lhe, retroativamente, algum sentido -, possibilitam ao sujeito se safar do efeito de petrificação, localizando-se na vacilação do sentido. S_1 ao abrir a cadeia de significantes, faz com que todos os demais significantes eleitos e colocados em série tragam a sua marca, seu vestígio, de modo que S_1 , embora sem sentido, ao se articular a S_2 , adquire sentido retroativamente.

Na alienação, operação que remete ao registro do simbólico, o que cai (localizado na interseção dos dois conjuntos) é S_1 , o não-senso, o significante recalcado, na origem do inconsciente, o que se evidencia no esquema a seguir:



Assim, na relação entre o sujeito e o Outro, portador de sentido, o sujeito é colocado no *vel* de um sentido a ser construído (S_2) ou da petrificação (S_1). O destino desse sujeito é uma vacilação entre petrificação e indeterminação. Petrificação em um significante ($\$ \rightarrow S_1$) e indeterminação no interior do deslizamento do sentido ($S_1 \rightarrow S_2$). Eis o impasse do sujeito do significante.

S₁, significante agora comum ao sujeito e ao Outro, traz como consequência uma petrificação, mas, ao mesmo tempo, articula-se ao campo do Outro, a S₂, convocando o sujeito a um deslizamento no sentido. Tal deslizamento implica a divisão do sujeito entre os significantes, de modo que o sujeito não está todo representado por nenhum significante, estando sempre em deslocamento, no intervalo entre dois significantes.

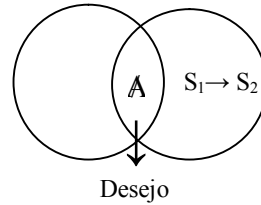
É importante demarcar que a alienação não designa uma dependência do Outro, mas uma divisão lógica que o significante produz no sujeito. Para Lacan (1964[1960]/1998), “não é o fato dessa operação se iniciar no Outro que a faz qualificar de alienação. Que o Outro seja para o sujeito o lugar de sua causa significante só faz explicar, aqui, a razão por que nenhum sujeito pode ser causa de si mesmo” (p. 855). A alienação reside no fato da divisão do sujeito, isto é, implica que, se ele aparece em algum lugar como sentido, em outro se desvela seu desaparecimento. E isso pelo fato de ele não poder ser todo representado por um significante, estando sempre dividido ao menos entre dois, de modo que:

o efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante (LACAN, 1964[1960]/1998p. 849).

Porém, o Outro não é só o “tesouro dos significantes” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 17), lugar da linguagem, do código – dimensão do Outro que se evidencia na alienação. Ele é também o Outro do desejo, barrado, faltoso e, nesse sentido, na medida em que o sujeito é representado por um significante para outro, algo mais circula na cadeia. No intervalo entre os significantes – lugar da metonímia –, desloca-se o desejo, de modo que, aí, o sujeito experimenta uma outra coisa a convocá-lo, que não o sentido. Nas palavras de Lacan (1964/1998):

É no intervalo entre esses dois significantes [S₁-S₂] que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos, para ilustrá-lo, a mãe, no caso. É no que seu desejo está para além ou para quem no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito (p. 207).

Inserimos aqui o esquema indicado por Soller (1997, p. 63), que evidencia essa dimensão desejante do Outro:



Soller destaca, a partir desse esquema, que o Outro implicado na separação não é o Outro implicado na alienação, cheio de significantes, mas o Outro a quem falta alguma coisa. Essa virada apontada na teoria lacaniana é de grande importância. Afinal, só podemos pensar em um sujeito desejante se tomarmos o Outro nessa dimensão de faltante, não-absoluto e, portanto, como aquele que não porta um saber e uma verdade sobre o sujeito. Resta a este um espaço para se constituir a partir das marcas deixadas pelo que foi tomado do Outro, mas sem se igualar a elas, produzindo algo diferenciado, dimensão de criação ou recriação, que permite ao sujeito ir além do que está inscrito, selado como destino no campo do Outro.

Fernandes (2000) ressalta que isso possibilita pensar as operações de alienação e separação não como dois processos temporalmente distintos, porém numa simultaneidade. Isso porque no Outro estão presentes, desde o início, as duas dimensões: a do Outro, tesouro dos significantes, e a do Outro do desejo. Pensá-las numa simultaneidade permite depreender a presença de uma falta operando na consecução do próprio processo de alienação, sem a qual nenhum significante destinado ao sujeito poderia se colocar como suporte do desejo do Outro e como questão para o sujeito.

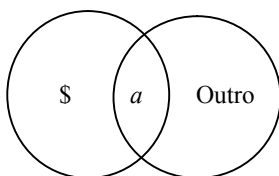
Souza (2005) assinala que, no processo de alienação, o Outro também sofre uma perda, perda de significantes, que lhe são tomados, subtraídos, arrancados, que estão agora no campo do sujeito. O significante, por ser perdido, adquire um estatuto estranho: “é significante porque vem do Outro; não é significante porque se tornou elemento isolado, resto, outra coisa, objeto. Esse significante arrancado do Outro, sua perda, isso que do Outro cai como resto, é o objeto *a*” (p. 19). Ao que Rabinovich (2000) acrescenta: “o ser do S_1 , retorna sob uma forma nova de opacidade, produto do simbólico, que é o objeto *a*, que cai entre dois significantes, é a perda que se produz entre dois significantes” (p. 127).

Assim, se na alienação sobressai a dimensão significante e o sujeito barrado, produto da intervenção significante, na separação sobressai a dimensão do objeto, objeto *a*, causa de desejo e operador de gozo, de modo que a subordinação do sujeito ao objeto tem aqui sua primazia.

Se a “união” é destacada por Lacan para falar da alienação, a separação se funda na “interseção” ou produto. A interseção é formada pelos elementos comuns aos dois

conjuntos, e o que é comum ao sujeito e ao Outro é um ponto de falta. Soller (1997) ressalta que Lacan modifica essa estrutura, de modo que a interseção é por ele constituída pelo que falta a ambos os conjuntos, e não pelo que pertence aos dois, ou seja, em ambos falta um significante que dê conta de representá-los. Mas, para além do significante, no que o Outro se desvela enquanto desejante, falta a ele o objeto que aplaque e responda ao desejo, objeto de sua satisfação. A interseção surge, então, do recobrimento de duas faltas e, nesse sentido, enfatizamos que, para o *vel* da alienação, só há uma saída, “a via do desejo” (LACAN, 1964/1998, p. 212).

Assim, “pela função do objeto *a*, o sujeito se separa, deixa de estar ligado à vacilação do ser, ao sentido que constitui o essencial da alienação” (Lacan 1964/1998, p. 243). Na separação, operação pertinente ao registro do real, o que cai é o objeto *a*, localizado na interseção entre \$ e Outro, o que se evidencia pelo esquema escrito por Laurent (1997, p. 43):



Soller (1997) ressalta que o Outro só tem significantes e vazio, não podendo responder à questão do seu desejo. O sujeito da fala, do mesmo modo que o Outro, só tem significantes e vazio. Assim, se alguma resposta ao desejo do Outro pode ser vislumbrada, é ao nível da pulsão e do gozo, nível que aponta o que o sujeito é para além do significante. A dimensão pulsional, embora efeito do significante, advém como essa que instala uma descontinuidade na dimensão significante e que porta uma verdade sobre o sujeito, ainda que não-capturável, verdade que se faz presente não na fala, mas em ato, em um instante.

A consequência da separação é a passagem da alienação, entre Ser e sentido, para a estrutura do desejo como desejo do Outro, de modo que o desejo do sujeito só pode se constituir como desejo do Outro. Porém, não basta uma remissão ao Outro para falar de um sujeito. Aqui, imbricam-se desejo do Outro e desejo do sujeito, sem o qual o sujeito queda cativo na petrificação.

Duas faltas se recobrem. A primeira remete à perda do Ser. De acordo com Souza (2005), “o sujeito do inconsciente é vazio de ser e de atributos” (p. 19), de modo que o sujeito

não tem nada que lhe dê consistência, o significante não responde quem ele é, relançando sempre a outro, o que implica um ponto de desaparecimento. A segunda é uma perda que se relaciona ao objeto, a uma perda de gozo, a impossibilidade de satisfação total, que, como enfatiza Souza, convoca o trabalho do sujeito e exige um querer:

Ele não só tem que perder [...], mas tem que consentir em perder algo de seu. Algo que fazia parte do seu organismo, esse algo ele tem que ceder. Algo que fazia *um* com o seu corpo, esse algo ele tem que consentir em que se torne parte, parte que se perde. E além de consentir em perder algo que era seu, ele tem que querer recuperar a perda, isto é, positivá-la, torná-la algo, algo com o qual possa fazer alguma coisa. [...] A primeira coisa que faz é transformar a perda em falta e a segunda, é aprender a jogar com ela (pp. 19-20).

Para esclarecer a articulação entre a operação de separação, e o advento do desejo e do gozo, nos deteremos em algumas considerações a cerca do objeto *a*. No seminário 10, “A angústia” (1962-1963/2005), Lacan, ao salientar que o *a* surge como um resto na relação entre o ser vivente e o Outro, esclarece que ele resulta de um corte promovido pela entrada do significante no real do corpo. Segundo ele, “o S, sujeito ainda desconhecido, tem que se constituir no Outro” e “o *a* aparece como resto dessa operação” (p. 296). O *a* vem como resto da operação de divisão que torna o sujeito e o Outro barrados e que se dá com a inoculação do significante no organismo vivo, produzindo um corte, corte de uma libra de carne.

O objeto *a*, como objeto perdido, faltoso por excelência, tem a função de causar desejo, e, como ressalva Viola e Vorcaro (2009), o objeto por ser ausente, torna impossível a satisfação do desejo, e é essa impossibilidade que garante a persistência do movimento do desejo. Porém, ao advir como objeto da pulsão ele também participa da vertente de satisfação – lembrando que satisfação não é equivalente a prazer; portando o paradoxo prazer-desprazer.

O objeto da pulsão, *a*, advém como resto, como sobra da inoculação significante no campo do vivo, constituindo o corpo do sujeito como repartido, dividido em zonas erógenas. O corpo é submetido à castração e o gozo é retirado dele, subsistindo um corpo desmembrado, marcado por um gozo que vem em suplência ao gozo absoluto que falta.

O objeto *a* é, então, oferecido como mais-de-gozar e, na medida em que o gozo é faltante, é causa de desejo. Ao mesmo tempo em que o sujeito está a menos com relação ao suposto gozo da totalidade, ele em acesso a um a mais de gozo, gerando um excedente. O gozo do objeto *a* é residual, compensatório, indicador de um gozo que falta devido à entrada no campo do Outro.

Braunstein (1990) salienta que a “mais valia”, teorizada por Marx, visa o valor a mais que o trabalhador produz. Esse valor, no ato mesmo da produção, é-lhe arrebatado pelo Outro (assim estipula o contrato de trabalho), que lhe deixa um remanescente de prazer sobre a forma de salário, que relança o processo e o obriga a regressar no dia seguinte. No campo libidinal, o mais-de-gozar é concebido como correlato da mais valia. Embora o sujeito só tenha acesso a um “a menos” de gozo, que o relança ao movimento pulsional e lhe causa desejo, há, aí, um excedente, uma sobra, um excesso, um resto inapreensível ao significante, resíduo que permanece como irrepresentável.

Esse gozo é a razão de ser do movimento pulsional. A cada vez que o sujeito perde sua libra de carne, esse é o valor entregue ao Outro. É ao gozo absoluto que o sujeito precisa renunciar para se inscrever no campo do significante. No entanto, o gozo renunciado volta por seus furos, insiste. Assim, na relação do sujeito com o Outro, há a exigência de uma renúncia de gozo; porém, aí, também se abre uma possibilidade para um gozo excedente. Na medida em que o sujeito se representa no campo do Outro, resta *a*, que escapa a toda representação, resto possibilitador de gozo, e por meio do qual o sujeito pode se fazer objeto para o Outro, posicionando-se diante dele.

Na separação, é inaugurada uma identificação de natureza diferente da identificação ao significante: trata-se da identificação ao objeto *a*. Rabinovich (2000) destaca que, na operação de separação há certa equivalência entre sujeito e objeto *a*. O sujeito, na relação com o Outro, é convocado a comparecer na posição de objeto causa do desejo do Outro, ocupando uma posição de gozo que permite a abertura de certo espaço de jogo entre eles. Souza (2005) afere que, nesse jogo cheio de artimanhas, no qual o parceiro é o Outro, o que o sujeito visa é evitar o desejo do Outro em sua opacidade, em seu vazio, que é fonte de angústia.

Soller (1997) ressalta que, na separação, o sujeito tem uma estratégia: o sujeito, sem um saber que responda ao seu Ser, é um sujeito que quer vir a Ser, quer vir a saber. Desejo esse que convoca a dimensão de criação, que é apontada por Lacan (1964[1960]/1998) ao dizer que na separação o *vel* retorna como *velle* (trocadilho com *volo*, palavra latina que designa querer, desejar), de modo que, pela queda do objeto, surge um querer, um desejo. Desejo que se articula com o *separare*, separar, que se presentifica no *parere*, gerar a si mesmo, de maneira que, na separação, há o advento de um desejo novo, de uma invenção de si que vai além do Outro: “é por sua partição que o sujeito procede a sua parturição” (p. 857).

No jogo com o Outro, o sujeito pode jogar com sua falta em dois níveis. Conforme Rabinovich (2000): “essa falta primeira [intrínseca à alienação] oferece ao sujeito a possibilidade de jogar com a ausência de seu ser para experimentar a reação do Outro diante de sua falta, sua ausência como objeto causa do desejo do Outro [falta intrínseca à separação]” (p. 125). O sujeito joga o jogo de fazer falta, ou seja, ele se oferece como objeto que falta ou pode vir a faltar ao Outro, de modo que Lacan (1964/1998) explicita que o primeiro objeto que o sujeito propõe ao desejo parental é sua própria perda – “*pode ele me perder?*” (p. 203: grifos do autor). Assim, o que está no cerne desse jogo é o enigma do desejo do Outro. Aqui, já se evidencia uma tentativa do sujeito de operar com sua própria perda, colocando-se como objeto do desejo para o Outro.

Há uma tentativa de saber o que se é no desejo do Outro, ao que Lacan (1962-1963/2005) afirma que “a angústia [...] está ligada a eu não saber que objeto *a* sou para o desejo do Outro” (p. 353). O sujeito, dividido pelo significante, está às voltas com o objeto que ele é na sua relação com o Outro, objeto causa do desejo (na medida em que presentifica uma falta) e objeto da pulsão (ligado à satisfação).

Alienação e separação: pensar sem sujeito e ser sem sujeito

Em 1966/1967, Lacan, como já destacado, retoma essas operações pelo cogito de Descartes, nos trazendo contribuições importantes para pensar o sujeito e sua articulação com o significante e o objeto *a*.

No Seminário *La lógica del fantasma* (1966-1967/2000) esclarece que a alienação não decorre do fato de que sejamos captados, representados no Outro, ao avesso, a alienação está fundada sobre o rechaço do Outro³ⁱ. O Outro é apontado como lugar sem garantias e sem consistência, onde circula a interrogação do Ser, onde gira o limite do cogito. Ou seja, só há alienação porque não há o Ser, porque o Outro, como faltoso, não certifica o Ser, este já está perdido.

Por essa impossibilidade do Ser e do pensar, Lacan subverte o cogito cartesiano, aplicando a ele a lei de dualidade lógica de Morgan. Ela inscreve uma dupla negação, e como

³ Cabe destacar que já havíamos apontado essa dimensão do Outro como esse que sempre foi barrado, indicando que a dimensão do objeto *a* já estava presente desde o início nas operações de alienação e separação. Porém, só no seminário 14, Lacan parece formular isso, não só nos advertindo que a alienação só se dá porque o Outro não garante uma consistência ao sujeito, mas também abrindo novas vias para pensar a relação entre significante e objeto na constituição do sujeito, o que evidenciaremos no decorrer do texto.

salienta Rabinovich (2000), a lei de dualidade não é uma dupla negação no sentido habitual do termo, em que uma negação anula a outra, produzindo um sentido positivo. Trata-se de outro tipo de negação que permite conservar a formalização de uma perda, perda essa irremediavelmente implicada no próprio enunciado que se produz. Por essa lei, o cogito transforma-se em uma disjunção, que se funda em um “não” excludente, que se evidencia em dois “ou” nada inclusivos: “ou não penso ou não sou” (LACAN, 1966-1967/2000, lição de 14 de dezembro de 1966). O “logo” do cogito cartesiano (“penso logo sou”) é substituído pelo “ou”. O que vinha designar uma consequência, agora é restritivo, exclui um dos termos, porta um fator letal, é um *vel* alienante.

É interessante destacar que, no seminário 11 (1964/1998), o objeto *a* foi localizado na interseção entre o sujeito e o Outro (como indicado em esquema anterior), interseção que demarca um ponto comum entre os dois campos: a falta. Sujeito e Outro são marcados pela perda inaugural do objeto, que os configura como faltosos.

Já no seminário 14 (1966-1967/s.d.) o “ou” é ponto de interseção entre o “ser” e o “pensar”, demarcando que ambos os campos já estão perdidos, estando marcados pela falta. O “ou” aparece, portanto, no lugar conferido ao objeto *a* no seminário 11 (1964/1998), o que nos permite esboçar o seguinte esquema⁴:



Esse “ou”, tal qual o objeto *a*, demarca que nessa interseção instaura-se uma perda, inevitavelmente há um resto, uma parte que permanece de fora. Se o “logo” assinala uma conjunção, o “ou” delinea uma disjunção. Não há uma concordância entre pensar e Ser. Uma verdade unificadora está ausente; o que há é um detrito, um resto que se instaura pela não reciprocidade que caracteriza a estrutura. Pensar e Ser não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo, pois se excluem mutuamente.

Lacan (1966-1967/2000) destaca que essa disjunção afeta não o Ser ou o pensar, mas o sujeito. É ele que não possui uma unidade, uma consistência. O sujeito não se delinea

⁴ Lacan nos explicita esse esquema no seminário 14, *La logica del fantasma* (1966-1967/2000), durante a lição de 11 de janeiro de 1967. Porém, não o encontramos tal qual reproduzido aqui, uma vez que sintetizamos suas construções em um só esquema.

por nenhum desses campos. Ele sofre um desaparecimento, uma afânise; se aparece em algum lugar, em outro desfalece: onde eu⁵ penso, não sou; onde eu sou, não penso.

A escolha forçada da alienação evidencia-se pelo “ou não sou ou não penso”, ratificando que há um “pensar sem eu” (pensar sem sujeito) e um “ser sem eu” (ser sem sujeito), introduzindo o conjunto vazio, presente em todo conjunto, e que designa o sujeito. O sujeito é, assim, o ponto comum de interseção entre os conjuntos, é o que falta a ambos.

A negação recai sobre o conjunto vazio, estando o sujeito sob essa marca, e, por conseguinte, sob a marca do recalque. O sujeito é, então, conjunto vazio, confinado ao inconsciente, o que o demarca em sua evanescência. O sujeito é, sobretudo, inconsciente. Ele é o sujeito dividido, sobre o qual a consciência nada sabe. Daí situar-se entre dois significantes, no ponto de interseção entre eles, ou seja, no ponto de não sentido, de hiato, de não recobrimento da cadeia significante.

Se, no seminário 11 (1964/1998), Lacan postula a opção da alienação por “o ser ou o sentido?”, no seminário 14 (1966-1967/2000), ele coloca essa escolha pelo cogito cartesiano no “ou não sou ou não penso”, demarcando que ambos, Ser e sentido, já estão perdidos. Se há alienação, é porque Ser e sentido já se perderam.

Por essa subversão do cogito, que traz em seu bojo essas duas perdas, Lacan tenta circunscrever uma relação entre o inconsciente e o Isso. Elucida que não há um “eu sou” ou um “eu penso”. O sujeito só existe como efeito de um discurso, sendo marcado pela negação. Há, portanto um “não penso”, que se positiva em “ser sem eu” (ser sem sujeito), que se articula ao Isso; e um “não sou”, que se positiva em um “pensar sem eu” (pensar sem sujeito), que se articula ao inconsciente. Desse modo, inconsciente e Isso se articulam a duas formas de perda.

O inconsciente se situa do lado do sentido, referenciado à impossibilidade do significante significar a si mesmo, o que instaura a cadeia significante; e, logo, o pensar inconsciente. Pensar que relança sempre o sujeito a outro lugar, de modo que ele não é representado por nenhum significante, daí o pensar sem sujeito. Onde, também, insere-se o inconsciente como aquele que se inscreve pela falta de saber instintual, ou seja, é porque falta esse saber inscrito no organismo vivo, que o inconsciente constitui-se como um saber, saber à revelia do sujeito, tentando dar conta da falta de garantias, tentando construir um sentido onde o saber falta.

⁵ Vale lembrar que se trata do sujeito e não do eu, como já destacado em nota de rodapé.

O Isso, localizado do lado do Ser, relança-nos à impossibilidade da satisfação total, à perda de gozo, não mais na vertente significante, e, sim, na pulsional. Instaura-se a pulsão acéfala, que, contrapondo-se ao desejo, não dá cara, rosto, nome ao objeto, apenas instaura, a partir do corpo, um circuito pulsional em torno da Coisa. O que esclarece o Ser sem sujeito, pois, no Isso, o sujeito também está excluído, não é senhor do seu movimento pulsional, e nem mesmo dos objetos que o satisfazem.

Se a lei de dualidade lógica de Morgan permite conservar essas duas perdas, então o processo de separação já está presente na escolha em jogo na alienação. A separação já está implicada na fórmula “ou não sou ou não penso”, que aponta para um corte constitutivo. Conforme Lacan (1966-1967/2000), o objeto *a* é o primeiro recorte que o Outro produz no sujeito, estando as duas dimensões, a do significante e a do objeto, imbricadas. Ele ainda destaca que a operação de separação se dá não no vivo, mas neste em sua relação com o Outro. Na interseção do sou e do penso, localiza-se o “ou” exclusivo, *vel* alienante, que alude à perda letal de uma libra de carne, relançando-nos ao objeto *a*.

Rocha (2002) destaca que sujeito e Outro são estruturados por esse corte, de modo que não há uma coisa pré-existente. Há, assim, entre sujeito e Outro, uma relação de circularidade sem reciprocidade. Relação que não encontra suporte em nenhum dos lados. O único suporte possível é o que se produz no corte, é a perda que reaparece como falta em ambos os conjuntos. Porém, não é uma falta que circula de um lado ao outro, não é uma alternância (ou isso ou aquilo, ora isso ora aquilo; não é desse *ou* que se trata), é uma falta que possibilita, que constitui, que ordena e engendra o campo. Esse “ou” não é de alternância, mas de mutilação, é um *vel* letal. Esse *vel*, por ser letal, por produzir um corte, revela *a* e, por conseguinte, descortina, traz em si a separação.

Lacan, ao utilizar a lei de dualidade de Morgan, evidencia que as operações de alienação e separação são processos indissociáveis e circulares. A negação é, como Freud (1925/1989) nos diz, a marca do recalque. O “não” nos indica uma divisão psíquica; não há registro dele no inconsciente; ele produz um corte. Por essa via, Lacan (1966-1967/2000) relaciona a alienação com o recalque primário, processo mítico, fundador do aparelho psíquico, onde se coloca essa primeira escolha, marcada por esse “não” que implica uma perda, produzindo, assim, uma divisão.

Com a perda constitutiva do suposto objeto de satisfação, o aparelho psíquico, em uma tentativa de mantê-lo presente, realiza um primeiro registro, uma inscrição mnêmica, primeira marca fundante do psiquismo, que é puro traço, sendo confinada no inconsciente sem

nada significar. Freud (1915/1989) pontua que esse primeiro traço recalcado, nomeado recalque primário, continua a produzir efeitos no sujeito, funcionando como um ponto de fixação, primeiro núcleo atrativo do inconsciente. A partir de então, as representações, que serão recalçadas, serão aquelas que mantêm certa relação com o recalcado primeiro, recalcado que tenta preencher a ausência de objeto.

Desse modo, o psiquismo se funda por um buraco – deixado pela ausência de um objeto que dê consistência àquele sujeito – contornado por representações, por traços mnêmicos que se ligam por um elo que o sujeito desconhece, estando o sujeito, mais uma vez, ausente nisso que se encadeia, constituindo a fantasia inconsciente de cada um.

Lacan nos fala de S_1 para designar essa primeira marca significativa, traço diferencial de uma ausência, e de S_2 para indicar os demais significantes que se inscrevem em cadeia com S_1 , na tentativa de significá-lo. Significação que visa tamponar o buraco que S_1 vem preencher e ao mesmo tempo atualizar, fazendo borda ao puro vazio: não há o objeto que completa o sujeito, aplacando-lhe o movimento pulsional.

Assim, essa primeira inscrição psíquica já está sob a marca do recalque. Aí, já se coloca a escolha forçada da alienação, “ou não penso ou não sou”, na qual o “não” que recai sobre o sujeito já formaliza uma perda. Essa perda é anterior a qualquer registro psíquico. É ela que convoca o significante e, simultaneamente, é o significante que torna presente essa ausência. O que está no início, o significante não o designa; o que está na origem não é o sujeito; na origem, não há existência, senão o objeto a . Aqui podemos dizer de uma antecedência lógica da separação, motivo pelo qual ela já vem incluída na escolha alienante.

Ressaltamos uma antecedência lógica na medida em que alienação e separação ganham esse estatuto retroativamente, no que o significante representa uma perda para outro significante, instaurando a cadeia, que torna possível a incidência do sujeito. Lacan (1966-1967/2000) afere que “a repetição, é precisamente nisto que o ato é fundador do sujeito” (lição de 15 de fevereiro de 1967). Repetição como uma força de retorno, inscrita na estrutura. Destarte, alienação e separação não são operações que existem por si mesmas, elas têm um estatuto lógico, e só se significam em uma segunda volta, na qual se articulam inconsciente e Isso, desejo e pulsão, significante e objeto.

O “ser” e o “pensar” só podem aparecer sob a marca do recalque. Lacan, como já pontuado, ressalva que o inconsciente alinha-se do lado do “não sou”, de um pensar sem sujeito, enquanto o Isso se caracteriza pelo “não penso”, um Ser acéfalo, Ser sem sujeito.

Nesse contexto, o “pensar sem sujeito” é assinalado por um corte significativo, em que o sentido está ausente, não define o sujeito, não produz um Ser pensado, de modo que o inconsciente estrutura-se como linguagem, estrutura-se pela cadeia significativa que, marcada pelo “não sou”, tende ao infinito, uma vez que o sentido nunca se esgota, não produz um “eu penso”, uma verdade que escape ao “não”.

Lacan (1964/1998) nos fala que “o *um* que é introduzido pela experiência do inconsciente é o *um* da fenda, do traço, da ruptura [...]. A ruptura, a fenda, o traço da abertura faz surgir a ausência” (pp. 30-31), como o grito faz advir o silêncio, como silêncio. Pelo que se inscreve, o que não se inscreve faz sua entrada como campo de possibilidades.

O inconsciente, como aquilo que tropeça, como uma descontinuidade, onde o sujeito se apresenta em uma vacilação, produz a cada abertura, como efeito de surpresa, o sujeito como achado, ou melhor, como “reachado”, sempre prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda.

Por sua vez, o “ser sem sujeito”, próprio do Isso, é assinalado por um corte no corpo, corte significativo que reparte o corpo em zonas erógenas, marcando-o como pulsional, de modo que no Isso se inscreve uma outra gramática, não a gramática do significativo, que se desenrola na cadeia, mas a gramática da pulsão, que se articula ao gozo. E embora a pulsão esteja articulada à demanda ($\$D$), ela é sobretudo corporal; é quando a demanda se cala que a pulsão começa. Dela, o sujeito nada sabe; nela, o sujeito está ausente, ela funciona a sua revelia.

Onde está a verdade do sujeito?

Esse “ou”, como indicamos, é o “ou” letal, *vel* alienante que formaliza duas perdas: a impossibilidade do pensar e do Ser, como perdas constitutivas que estão na origem de toda operação lógica. Estando o sujeito excluído tanto do inconsciente (pensar sem sujeito) quanto do Isso (ser sem sujeito), onde podemos situá-lo?

Lacan (1966-1967/2000) define o sujeito como uma mancha, impossível de ser encontrada, pois se esconde a cada possibilidade de encontro. Está, portanto, em ausência, em outro lugar, sempre alhures.

Nesse sentido, ele ainda nos diz que o sujeito tem uma existência lógica, e não uma existência de fato, ou seja, sua existência relaciona-se com o manejo do significativo e ao seu modo retroativo de produção de sentido. O sujeito logicamente é colocado ausente em um

momento mítico (em que se situa o organismo vivo), mas em um movimento de retroação, único possível quando se trata de significantes, sempre esteve ali, sempre existiu.

Porém, trata-se aqui de uma existência sem consistência de realidade, de pensar ou de ser, o sujeito está em outro lugar, em desaparecimento, em deslocamento incessante.

Elucubramos então que a verdade do sujeito alinha-se do lado do objeto *a*, esse como sua causa, vazio primordial que possibilita que algo do significante se inscreva, e ao mesmo tempo se inscreve porque o significante faz faltar. É em torno desse cavo que o inconsciente estrutura-se, e é por esse objeto, ausente por excelência, que diversos outros se inscrevem no circuito pulsional. É por um lugar vazio que o sujeito advém, constituindo-se como objeto de perda, o desejo do sujeito é suscitar a falta no Outro, e para suscitar essa falta ele se coloca como causa do desejo do Outro, o que o coloca no campo de jogo com o Outro.

Ao subverter o cogito de Descartes, Lacan convoca o sujeito a ocupar o lugar de conjunto vazio: “ser sem sujeito” e “pensar sem sujeito”, remetendo-nos a verdade da estrutura, ao objeto *a*.

Fernandes (2000) pontua que a análise convida o sujeito a retomar o corte que o constitui, relançando-o a origem, a essa condição objetual do sujeito. Costa-Moura (2007) relembra-nos que, na psicanálise, a origem vem como causa e, portanto, é uma origem que não se coloca apenas no início da vida, mas a cada e toda vez que o sujeito é chamado, como sujeito, a ocupar esse lugar de objeto. A autora ainda destaca que a análise é uma experiência que pode abrir para o sujeito a possibilidade de se responsabilizar em ato por sua vida e pelo desejo que o dirige, “responsabilidade pelo objeto que ele é – e que não lhe resta outra escolha senão tomar lugar aí” (p. 185).

É no que a cadeia significante de cada sujeito se desvela, na medida em que ele fala, que o objeto que o sujeito se fez para o Outro pode ser dialetizado, conferindo ao sujeito a dimensão de sua responsabilidade. O significante, como sem sentido – e não como possibilidade de compreensão –, como aquele que bate, que corta, pode permitir ao sujeito uma outra possibilidade diante do que, do Outro, se inscreveu. Pela impossibilidade de engendrar-se pela via do Ser ou do pensar, o sujeito é chamado a engendrar-se pela via do não-sentido, do vazio que o funda e marca.

Ao tratarmos a verdade do sujeito alinhada do lado da *Coisa*, propomos um retorno à causa, a uma verdade que retoma uma origem lógica, não ao nascimento (como se tratássemos de um desenvolvimento), mas a causa que pare, gera o sujeito. O sujeito é gerido pela falta, falta um significante que o defina, e um objeto que lhe confira satisfação. Ele é,

portanto, marcado pelo sentido evanescente, em constante deslocamento, e pela parcialidade da pulsão, que o submete.

O objeto *a* é o que cai do sujeito para que ele possa começar a contar, a se contar, as e instituir sujeito de uma contagem. Ao que Sbrano (2002) pontua que até a análise o caminho era de uma exacerbação dessa contagem, a partir dela o caminho é de um fracasso na contagem, restando como possibilidade alinhar-se do lado do resto, do que sobra desse processo de divisão.

Lacan (1967-1968/s.d.) destaca que o modo de apreensão sabia do analista começa “no ‘*eu perco*’. Eu perco o fio” (p. 62: grifos do autor), perder o fio é perder a direção, seja a direção do pensar, da decifração, ou de uma busca pelo objeto que satisfaça. É nesse ponto que resta aventurar-se pelo que foge a toda apreensão, a toda circunscrição que poderia vir a ser traçada pelo fio.

Referências

COSTA-MOURA, F. (2007). Determinismo e responsabilidade: a dimensão objetal do sujeito. *A operação do significante: o nome, a imagem, o objeto*. Revista Tempo Freudiano. 8: 177-192.

FERNANDES, L. R. (2000). *O olhar do engano: autismo e Outro primordial*. São Paulo: Escuta.

FREUD, S. (1915/1989). Recalque. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. 14.

_____. (1925/1989). A negativa. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. 17.

LACAN, J. (1957-1958/1999). O Seminário, livro 5. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: J. Zahar.

_____. (1960/1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

_____. (1962-1963/2005). *O Seminário, livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

_____. (1964/1998). *O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

_____. (1964 [1960]/1998). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

_____. (1966-1967/2000). *Seminário 14. La lógica del fantasma*. (Versión de la Escuela Freudiana de Buenos Aires: Edição eletrônica das obras completas de J. Lacan).

_____. (1967-1968/s.d.). *O Seminário, livro 15. O ato psicanalítico*. (Versão anônima).

LAURENT, E. (1997). Alienação e separação I. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (Org.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar. pp. 31-41.

RABINOVICH, D. S. (2000). *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

ROCHA, E. (2002). O parêntese do sujeito – lugar da alienação. Coleção *O seminário de Lacan: Travessia – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano. Associação Psicanalítica. pp. 141-150.

SBANO, V. (2002). Repetição, separação e identificação ao objeto. Coleção *O seminário de Lacan: Travessia – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano. Associação Psicanalítica. pp. 115-128.

SOLLER, C. (1997). O sujeito e o Outro II. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (Org.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar. pp. 58-67.

SOUZA, N. S. (2005). A angústia na experiência analítica. In: *O objeto da angústia*. Organização: Maria Silva G. F. Hanna e Neusa Santos Souza. pp. 15-31. Rio de Janeiro: 7 Letras.

VIOLA, D. T. D. & VORCARO, A. M. R. A formulação do objeto *a* a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza: Vol. IX – Nº 3 – set/2009. p. 867-903.

“EITHER I DON'T THINK OR I AM NOT”: A DISCUSSION ABOUT THE SUBJECT

ABSTRACT:

Lacan takes up the cogito of Descartes, "I think therefore I am", pointing to the cut that he produced in the history of philosophy. This cut was essential for the emergence of psychoanalysis, but Freud goes beyond it by putting his certainty in the unconscious, thought marked by doubt, by stumbling, and which psychoanalysis is reaping the effects. The subject appears as an effect of that cut, and to address the subject, Lacan presents the operations of alienation and separation, taken by the subversion of the cogito, that turns into a disjunction, which is founded on a double negation: "either I don't think or I am not". Hence is intertwined the unconscious, as a thinking subjectless, and That, as a being subjectless. Denial that falls on the subject, excluded from thinking and being, that comes as an empty set, hollow of any attributes.

KEYWORDS: Subject. Alienation. Separation. Unconscious. Id.

“JE NE PENSE PAS QUE CE SOIT OR'M PÁS”: UNE DISCUSSION SUR LE SUJET

RESUMEN:

Lacan reprend le cogito de Descartes, «je pense donc je suis», en soulignant la coupure produite par lui dans l'histoire de la philosophie. Cette coupe était essentielle pour l'émergence de la psychanalyse, mais Freud va plus loin en mettant sa certitude dans la pensée inconsciente marquée par le doute, en trébuchant et dont la psychanalyse est de récolter les effets. Le sujet apparaît comme l'effet de cette réduction, et d'aborder le sujet, Lacan présente les opérations d'aliénation et de séparation, pris en charge par la subversion du cogito qui se transforme en une disjonction, qui est fondé sur une double négation: «Je ne pense pas que ce soit ou ne suis pas. "D'où la pensée se mêlent inconscient sans sujet, et que, comme un sans sujet. Déni qui tombe sur le sujet, exclu de penser et d'être, ensemble forme vides, creuses tous les attributs.

MOTS-CLÉS: Sujet. L'aliénation. La Séparation. Inconscient. Et que.

Recebido em 18-09-2012

Aprovado em 28-11-2012

©2012 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista